



NIKOLAJ
FROBENIUS

Vou lhe mostrar o medo

O mistério de
Edgar Allan Poe



GERAÇÃO





NIKOLAJ FROBENIUS



*You the
Mostrar
o Medo*

O mistério de Edgar Allan Poe

TRADUÇÃO DE
Eliana Sabino



GERAÇÃO

Título original:
Jeg skal vise dere frykten

Copyright © 2012 by Nikolaj Frobenius
1ª edição — Maio de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009

EDITOR E PUBLISHER
Luiz Fernando Emediato

DIRETORA EDITORIAL
Fernanda Emediato

EDITOR
Paulo Schmidt

PRODUTORA EDITORIAL E GRÁFICA
Erika Neves

CAPA
Raul Fernandes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Megaarte Design

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Tilso Duchamp

REVISÃO
Leonardo Porto Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frobenius, Nikolaj

Vou lhe mostrar o medo / Nikolaj Frobenius ; [tradução Eliana Sabino]. -- São Paulo : Geração Editorial, 2012.

Título original: *Jeg skal vise dere frykten*.
ISBN 978-85-8130-109-9

1. Ficção norueguesa I. Título.

12-09782

CDD-839.823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225/229 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax: (+55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br
twitter: @geracaoobooks

2013
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

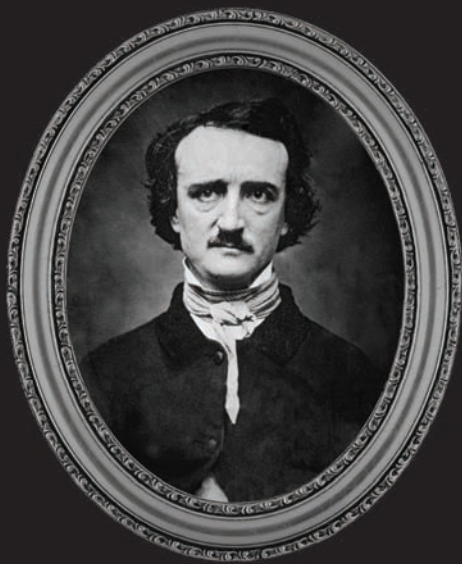
*Em 1846 ou 1847
conheci alguns textos de Edgar Poe;
experimentei uma emoção singular.*

CHARLES BAUDELAIRE



A obra de Poe é bárbara.

HAROLD BLOOM



Edgar Allan Poe



Rufus Griswold



Virginia Poe



Prólogo



GRISWOLD

A igreja



Nova York, 1857

No final de uma tarde de agosto, um homem usando capa caminhava apressado em meio à multidão da Broadway, lançando olhares amedrontados à sua volta. Desviando-se dos passantes, Rufus Wilmot Griswold atravessou o cruzamento a passos ainda mais rápidos, bem na frente de um fiacre que vinha em sua direção. A capa se arrastava pelo chão atrás dele como uma má reputação, e ele a recolheu bruscamente, escapando por pouco das quatro grandes rodas do fiacre.

Broadway cheirava mal, rescendendo a lixo, urina de cavalo e perfume. Havia um enxame de chapéus masculinos e femininos, e viralatas aparentemente abandonados por seus proprietários miseráveis vagavam na lama.

Griswold abria caminho por entre os moleques, os pregadores, os bêbados com suas garrafas coloridas. À sua frente, uma briga irrompeu entre dois irlandeses em mangas de camisa. Um dos dois havia agarrado o outro pelo colarinho, jogando-o no chão, e lhe cobria o rosto de murros enquanto despejava complicados xingamentos. Apressado, o homem não reparou neles — tinha os olhos fixos na rua à sua frente, como se não houvesse outra coisa no mundo além da necessidade de fugir. Nessa cidade onde, para sua infelicidade, estava então totalmente esquecido, Griswold havia sido um jornalista famoso. Em seu percurso, murmurava:

— O velho voltou... posso sentir... ele está perto...



As pessoas cediam-lhe a passagem; uma mulher voltou-se e chamou atrás dele, um moleque apontou-lhe o dedo enquanto ria de seu rosto transtornado. Ao chegar diante da Primeira Igreja Prebisteriana, que entre a Broadway e a Nassau lançava majestosamente as suas flechas na direção da abóbada celeste, ele estacou e olhou ao redor, depois abriu as portas e entrou no templo. Ali tinha ele o hábito de procurar refúgio quando queria a ajuda do Senhor.

Atravessou rapidamente a nave e foi encolher-se contra uma parede, como se temesse ser descoberto na igreja deserta. Ao cabo de um instante, sentou-se em um banco e ficou a observar o lugar à sua volta; depois recomeçou a monologar, tentando recuperar a calma.

— Você não tem nada a temer. O Senhor o protege...

Mas não continuou. À sua frente, encolhido no chão, o velho, cuja cabeça diminuta e horrorosa estava apertada sob o banco, observava-o com o olhar turvo. Griswold fez um movimento de recuo, como que para se proteger. Depois começou a chorar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou num soluço.

Sob o banco, o velho acolheu a pergunta com um sorriso que parecia mesclar medo e astúcia. Tudo em sua aparência trazia as marcas da pobreza mais extrema, da mais abjeta degradação: calças esburacadas de um tecido grosseiro e um fraque surrado, abotoado até o pescoço, que sustentava uma cabeça cadavérica. A despeito do sorriso, o rosto era triste e o olhar, doloroso. Quando o homem lhe estendeu a mão, Griswold encostou-se um pouco mais à parede, sem tirar os olhos da silhueta deitada a seus pés. No dedo mínimo, um anel com uma pedra vermelha tinha algo de incongruente naquela mão descarnada.

— Diga o que quer de mim!

O outro não conseguiu — ou não quis — responder. Sacudiu a cabeça com a expressão de uma criança obstinada. Ainda mais perturbado, Griswold se levantou e pôs-se a correr por entre os bancos da nave,

seguido pelo velho engatinhando. No corredor central, tropeçou em sua capa e caiu de joelhos. O velho o alcançou rapidamente.

— Deixe-me em paz! — Griswold gritou, tentando desvencilhar-se.

Mas o velho grudou-se a ele soltando lamentos, agarrando-se à capa com uma força irresistível, que a Griswold parecia a violência destruidora de um desmoronamento ou uma enchente, uma força da natureza capaz de modificar totalmente uma paisagem e deixá-la irreconhecível. Griswold terminou por perder a força e desabar no piso da igreja.

— Eu não quis prejudicá-lo...

O velho, que ainda estava em cima dele, berrou, apertando a cabeça contra a sua:

— Você quis destruir o patrão!

Inclinou-se para frente e sussurrou algo no ouvido de Rufus Griswold. Por alguns segundos, este tentou calcular o alcance do que acabava de ouvir, e finalmente se convenceu de que uma conjunção maligna estava em curso. Tornou a pousar a cabeça no solo, seu rosto relaxou, o espaço da igreja alongou-se e ele teve a impressão de estar sendo arrastado para a obscuridade das fileiras de bancos.

Uma hora mais tarde, Griswold subia com dificuldade a escada que levava ao seu apartamento na Quarta Avenida, esforçando-se para não perder o fôlego. Dentro de casa, abriu a boca para chamar, mas já não tinha voz. Entrou e se arrastou até o quarto. Uma vez deitado em sua cama, forçou-se a olhar fixamente para uma gravura presa à parede.

Mais tarde, nessa noite de 27 de agosto de 1857, aquele que pouco antes havia sido pastor batista e um jornalista célebre, foi encontrado morto em seu apartamento pequeno e miserável, no número 239 da Quarta Avenida. Havia uma capa enrolada em volta de seus pés; à luz da lamparina da mesa de cabeceira, ele tinha a aparência de um cão

encolhido. Suas costas estavam pressionadas contra o papel da parede com muita força, como se tivesse tentado derrubá-la.

Emily, sua primogênita, levantara-se após ser desperta pelos passos do pai no corredor, mas ao chamá-lo não obtivera resposta. Fora bater à porta do quarto dele.

— Papai?

Ele estava inerte. Emily segurou-lhe a mão e sentiu o frio que parecia emanar da pele dele. Inclinou-se sobre o corpo. Ao tocar-lhe o pescoço, disse consigo mesma que o tempo havia martelado aquele rosto como um instrumento grosseiro. A pele era enrugada e marcada, a fronte lembrava o ninho de serpentes evocado por São Paulo, e os grandes olhos estavam abertos, fixos num ponto à frente dele. Emily dirigiu a luz da lamparina naquela direção: o último olhar de Rufus Griswold estava pousado sobre um retrato pendurado no centro da parede...

Era o rosto orgulhoso e maldito do escritor e crítico Edgar Allan Poe. Os retratos de Poe e do pai de Emily haviam sido pendurados lado a lado, como se Griswold quisesse lembrar a amizade que os unira.

Emily contemplou os retratos e pensou: “Como ele pôde esquecer o meu nome?” Deslizou os dedos pela orelha do pai. Sobre a pele fria, ela sentiu o maxilar que apontava para o pescoço.

Na semana anterior, ela havia se aproximado da mesa de trabalho do pai; ele se voltara para ela e abrira a boca para falar, mas não dissera coisa alguma. Remexendo em seus papéis, pegara com ar ausente a xícara de chá preto que ela lhe oferecera, tentando disfarçar, mas ela havia reparado que ele se esforçava para recuperar o nome dela no ar. O nome dela havia desaparecido em meio a todas aquelas palavras na escrivania.

Durante vinte anos, seu pai havia trabalhado sobre os textos e as cartas de Edgar Allan Poe, o gênio decaído, e durante todo esse tempo se esforçara por denegrir a imagem do homem em quem seu olhar agora

estava fixo. Embora ninguém mais quisesse publicar o que ele escrevia a respeito de Poe, continuara a escrever sobre ele, a lê-lo, a persegui-lo, como se o escritor continuasse vivendo a sua vida detestável nessa cidade, quatro andares abaixo dele. Emily havia escutado as pessoas dizerem que, no afã de manchar a reputação de Poe, seu pai terminara por arruinar a sua própria. Por ocasião da morte do escritor, Griswold redigira um necrológio descrevendo em detalhes o seu aspecto miserável, os sapatos e o fraque surrados, e o evocara errando pelas ruas como um louco, “balbuciando maldições ininteligíveis ou apelos patéticos”. Acrescentando: “Mas esse homem jamais amou a si próprio.” Emily sentira então uma tristeza indizível, pois aquilo não se tratava de um necrológio, e sim de outra coisa.

Chorando, ela se aproximou do leito, e no mesmo instante foi como se visse o aposento através dos olhos do pai e experimentasse o desespero dele. Disse a si mesma que ele talvez tivesse imaginado que Edgar Allan Poe o encarava com um olhar amistoso. Pousou a cabeça sobre o paletó dele e sentiu a seda puída contra o rosto. Lembrou-se então que, alguns dias antes, folheando um livro de Poe, ele se pusera a ler um poema.

Estavam sentados diante da janela aberta. Da praça abaixo deles chegavam ruídos, murmúrios, o choque das rodas dos veículos sobre as pedras do calçamento. No início ele recitara em tom irônico, mas à medida que avançava, a sua voz se elevava, e Emily compreendera que ele não mais zombava do que lia, mas que algo em sua garganta o impedia de terminar a leitura. Ao se inclinar para observar os olhos dele sob uma mecha de cabelos brancos, ela percebera que eles já não estavam voltados para o livro, e sim vagando janela afora, na direção da praça. Ele havia recitado o poema de cor, como se não existissem outros poemas do mundo.

Entro co'a alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
“Seguramente, há na janela
Alguma cousa que sussurra. Abramós.
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso.
Obra do vento e nada mais.”¹

Ele voltara-se para a filha:
— Existe uma pessoa.
Emily lhe devolvera um olhar interrogativo.
— Um homem. Está à nossa procura: busca todos que têm ligação
com Poe.
Emily não estava entendendo.
— Um velho estranho — ele acrescentara.
O olhar do pai a fizera aproximar-se dele.
— Pensei que ele tivesse partido. Mas voltou — ele dissera.
— Conte-me isso, papai.
— Arrancou os dentes deles.
— Os dentes?
— E os enterrou vivos.
Emily olhava fixamente para o pai, incapaz de dizer uma palavra.
— Todas as ideias dele — Griswold explicara — foram tiradas dos
contos de Poe.

1 “*The raven*” (O corvo), de Edgar Allan Poe. Tradução de Machado de Assis.
(N. da T.)

— O que está me dizendo?

Mas Griswold contentara-se em balançar a cabeça antes de mergulhar de volta em seus pensamentos.

Emily estendeu-se na cama ao lado do cadáver do pai, na imobilidade angustiada causada pela lembrança daquela conversa.

Muitos anos mais tarde, depois de ter deixado Nova York em companhia do marido para se tornar missionária na África e levar a palavra do Senhor às tribos imprevisíveis do Congo, ainda se recordava do olhar do pai naquela tarde em que ele lhe falara de Poe e do homem que o perseguia, e certas noites, no momento em que a luz se esmaecia, revia o rosto dele no dia que findava. Ela compreendia, então, que um segredo se fora junto com ele e que ninguém a poderia ajudar a descobri-lo.

Eliza



Richmond, Virginia, 1811

A maior parte das terras do estado confederado da Virginia era pobre ou devoluta, mas, apesar disso, Richmond era uma cidade em expansão. Os navios mercantes de Londres, Liverpool, Gibraltar e Nova York vinham ancorar e carregar em seus portos. Na indústria do tabaco, cujos barcos no rio e carroças nas ruas levavam para toda parte o aroma delicioso, os empregos aumentavam proporcionalmente à população. À noite, porém, o mau cheiro vindo dos entrepostos e das usinas espalhava-se pela rua principal, ao longo das vitrines iluminadas dos salões de beleza e das tabernas apinhadas, e entravam por uma janela atrás da qual tossia uma atriz.

Edgar Poe estava parado diante de um leito oscilante. Tinha três anos de idade. A mãe, Eliza — uma mulher de vinte e quatro anos, miúda, com grandes olhos que pestanejavam na direção do menino —, estava estendida na cama. Abalada pelos acessos de tosse, ela sufocava sob a coberta. Edgar olhava para ela, braços ao longo do corpo. De vez em quando fechava os olhos, como que para abafar o ruído daquela tosse.

Na penumbra, Eliza parecia espantosamente pequenina: uma criança com olhos de adulta. Era bela como uma boneca, e aquela cena — uma mulher doente olhando fixamente para o filho — poderia fazer parte de uma das peças teatrais em que ela atuara desde os nove anos, por todo o país.

Como protagonista, ela havia cantado “A garota do mercado” e arrancado tempestades de aplausos. Embora a vida no teatro fosse sórdida e degradante, os críticos de então escreviam que ela era “pura como uma estátua de mármore”, “formidavelmente bela e talentosa”.

Ela representara em Charleston, na Companhia de Teatro Novo da Filadélfia, em Baltimore, Boston, Washington, Norfolk e Richmond. Apresentara-se em todos os lugares imagináveis, para operários barulhentos e bostonianos arrogantes. O primeiro grande papel shakespeariano, Ofélia, ela havia interpretado aos quatorze anos no Teatro Southwark. Cinco anos mais tarde, tendo adotado o sobrenome do marido na época em que os dois atuavam no Teatro da rua Federal, em Boston, ela se tornara a sra. Poe. Três filhos nasceram dessa união. Depois ela foi abandonada pelo marido, um bêbado sem talento, o que não a impedira de participar de centenas de espetáculos: comédias, tragédias, espetáculos de dança, comédias musicais, espetáculos de variedades, festas comemorativas.

Quando voltou para o teatro de Richmond, em 1810, foi acolhida como uma estrela de primeira grandeza por um público conquistado pelo brilho do seu encanto. O crítico do *Richmond Enquirer* escrevera:

Quando ela entrou em cena, foi acolhida por tempestades de aplausos, e nem uma única vez ela decepcionou seu público. Foi uma explosão de gritos de entusiasmo: “Que criatura fascinante!”, “Meu Deus, que linda cintura!”, “Que delicadeza!”, “Que encanto! Que expressão!”.

Ela estava agora sentada na cama, apoiada em quatro travesseiros, o rosto iluminado pela luz baça de um lustre. Tinha os braços dobrados em volta do pescoço como para aprisionar a tosse entre eles e assim apaziguar o seu sofrimento. Os cabelos caíam sobre seu rosto úmido de suor, e ela se balançava sem cessar para frente e para trás, tentando acalmar o turbilhão em seus pulmões.

Nessa noite ela segurou o médico pela gola da sobrecasaca, puxando-o para si com todas as suas forças. Seus olhos, sobre os quais um crítico havia afirmado serem “os mais doces e expressivos da América”, percorreram o rosto do médico, enquanto ela murmurava:

— Vou viver até amanhã?

Ele refletiu por alguns minutos, balançou a cabeça afirmativamente e se apressou em deixar o quarto.

O *Mycobacterium tuberculosis*, o capitão da morte, havia anos retalhava seus pulmões como pequenas facas. Agora, quando ela tossia, o sangue jorrava do nariz e da boca. Na véspera, este parágrafo aparecera no *Richmond Enquirer*:

APELO A UM BOM CORAÇÃO

Esta noite a sra. Poe jaz em seu leito de sofrimento, rodeada de seus três filhos. Pela última vez, sem dúvida, ela pede ajuda a vocês. Não haverá ocasião de recorrer de novo à generosidade do público de Richmond.

Para mais informações, ver as notícias do dia.

Muitas pessoas generosas de Richmond haviam ajudado, a família recebera comida, dinheiro e medicamentos. Dali em diante, a única preocupação de Eliza era que seus filhos não fossem parar em uma casa de caridade. Todas as noites, na sua agitação, ela lhes havia falado dos pais adotivos que viriam buscá-los.

— Mas onde estão eles? — murmurava.

Seriam deles os passos que se ouviam na escada? A noite teria findado?

— Já começou o quinto ato?

Ela cochilava, depois abria os olhos e ficava por um instante totalmente desperta antes de tornar a adormecer.

Onde estavam os pais adotivos?

— Por que estão atrasados?

Quando ela abriu os olhos de novo, era dia claro.

O médico se inclinou sobre ela e disse, numa voz que lhe pareceu desagradavelmente alta, que “pessoas de bom coração” iriam encarregar-se de seus filhos. Eles não poderiam morar juntos, porém, ele assegurava, estariam todos em boas mãos.

— Mas onde, então? — ela replicou em tom amargo, encarando-o.

Henry seria acolhido pela família Poe em Baltimore, ao passo que Rosalie iria morar com os Mackenzie em Richmond. O homem de negócios John Allan e sua esposa Fanny haviam finalmente confirmado que acolheriam o pequeno Edgar.

Edgar estava perto da porta: inclinado para frente, encarava a mãe com o olhar sombrio e atônito que ostentara desde o seu nascimento.

— Edgar — ela chamou, passando a mão pela boca; ao retirá-la, tinha os dedos pegajosos de sangue.

O menino postou-se diante dela e lhe estendeu a mão. Ela a segurou.

— Dói? — ele quis saber.

Ela não conseguiu reprimir uma risada chocha, mais parecendo um soluço.

— Não, filhinho — assegurou.

— Que barulho é esse no seu peito?

Ela apertou um pouco mais a mão dele.

— É o vento vermelho — disse —, o vento que sopra através dos seres humanos.

— É perigoso?

— É ele que sopra a vida no nosso peito, e sopra novamente para expulsá-la. Não somos senhores de nossa própria casa — murmurou, fechando os olhos. — Esta espécie de... vento... é ele o senhor.

Edgar a encarou, surpreso.

— É assim comigo também?

— Sim, ele está em cada um de nós.

— E é ele que expulsa a vida de cada um de nós?

— Sim.

Eliza desejava dizer mais para confortá-lo, mas foi obrigada a se dobrar em duas para tossir. Ao reerguer a cabeça, percebeu que Edgar havia escondido o rosto nas mãos.

— Edgar.

— Sim?

— Pode ir até a cômoda e pegar a tesoura?

Edgar obedeceu, as mãos tapando o rosto.

Eliza desfez um cacho das suas tranças, cortou uma mecha e a estendeu para o filho.

— Quando eu não estiver mais aqui, você vai guardar este cacho, está ouvindo?

— Sim, mamãe.

— Daqui a algumas horas seus novos pais virão buscá-lo. Você vai morar na casa deles, Edgar. Eles se chamam Fanny e John Allan.

Edgar balançou a cabeça várias vezes em sinal de aprovação.

— E, Edgar...

— Sim?

— Impressione-os.

Edgar assentiu novamente.

— Agora, pode ir chamar Henry para mim, por favor?

Henry e Rosie esperavam do lado de fora do quarto, sentados lado a lado. Edgar se aproximou do irmão mais velho e pousou a mão em sua

cabeça. Henry ergueu os olhos e lhe dirigiu um olhar furioso. Edgar lhe indicou o leito da mãe.

— Agora é você.

Henry levantou-se. Rigidamente, como um velhinho, entrou no aposento.

Edgar e Rosie sentaram-se juntos no chão. Ouviram a tosse de Eliza, que atravessava a casa como um cavalo. Edgar cobriu as orelhas com as mãos.

— O vento chegou — murmurou.

Rosie não escutou: ela também apertava as mãos sobre as orelhas.

À exceção da tosse de Eliza, tudo estava calmo na casa. Nem um sopro passava pela janela. Nenhum vento nas árvores, nenhum ruído vindo da rua. Nenhum eco de voz. Apenas lhes chegava o ruído do vento abominável dos pulmões de sua mãe.

Rosie e Edgar adormeceram sobre uma coberta no corredor.

O menino sonhou com uma casinha escura nos pulmões de Eliza.

Na casa dos pais adotivos, Edgar descobriu outra existência: riqueza, ordem, indiferença. À noite, ele despertava deitado no caixão de sua mãe, no meio dos restos dela, ossos e poeira. Como fora parar ali? Respirava os cabelos dela. Dirigia-se a ela em murmúrios, porém não obtinha resposta. Os ossos dela estavam mudos. Ele queria esmurrar a tampa do caixão, dar-lhe pontapés, mas não conseguia mover as pernas, do pescoço para baixo seu corpo perdera a sensibilidade. A escuridão o envolvia como um grande cobertor. Ele queria sair, mas não conseguia se mexer.

— Ajudem-me a sair daqui!

Acordava com a mãe adotiva sentada na beirada da sua cama. Fanny Allan estava imóvel, um pouco constrangida.

— Você precisa ficar quieto à noite, Ned — disse em tom confidencial.



Ela o chamava de Ned.

— Entendido? O sr. Allan precisa dormir.

Um gesto de cabeça para a sua nova mãe.

— Sim, mamãe.

O medo está constantemente emparedado dentro de nós, ele pensaria anos depois. Durante o dia procuramos dissimulá-lo, mas à noite os nossos pensamentos tomam o poder. Tudo o que fazemos é governado pelo medo ou pelo desejo de nos livrarmos dele.

